

**“MILTON SANTOS:  
A GEOGRAFIA, O BRASIL, A FRANÇA, O MUNDO”  
(José Borzacchiello da Silva entrevista Milton Santos)\***

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva  
Prof. Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará

## **INTRODUÇÃO**

Milton Santos se foi, deixando o Brasil mais pobre, no dia 23 de junho de 2001. Intelectual de elevado senso crítico e postura irrepreensível, fazia uma lúcida leitura do mundo, inserindo o Brasil nas teias de uma globalização avassaladora. Seu *status* de cientista social de renome internacional estava abalizado na universalidade de seu pensamento em sintonia com o conhecimento científico contemporâneo produzido nos grandes centros. Sua capacidade analítica ficou evidente quando discutiu o meio-técnico-científico informacional em seu livro *Técnica, Espaço e Tempo*, publicado pela Hucitec em 1994. Por seu teor, essa inovação conceitual foi rapidamente divulgada e associada às formulações dos teóricos da velocidade e da configuração das redes tendo as cidades mundiais como pontos privilegiados. Ao lado de Virílio, Sassen, Soja, Castells, Milton propunha outra postura diante do acelerado processo transformador da terra em toda sua diversidade e amplitude. Ao propor o seminário “O Novo Mapa do Mundo” realizado em São Paulo, em 1992, inseriu o Brasil numa ampla discussão, abordando os efeitos da globalização e da dinâmica do território sob a égide da fragmentação. Homem elegante e refinado, dava tom em qualquer evento de que participasse no Brasil ou no Exterior. Respeitado pelo vanguardismo de suas idéias, temido pelo calor de suas críticas, este geógrafo arduo construía seu raciocínio como filigrana, buscando entre diferentes pontos explicar fatos da realidade. Seu salto para o mundo se dá em 1965, quando publica *A Cidade nos países subdesenvolvidos*, pela editora Civilização Brasileira. Nesta obra pioneira, Milton Santos adiciona às análises convencionais circunscritas ao nosso território as grandes cidades da América Latina. Ainda neste livro, registra seu pioneirismo, relacionando a recém-fundada Brasília e o subdesenvolvimento brasileiro. Banido do País em 1964, Milton Santos percorreu universidades, outros países, pregando um novo olhar, novas interpretações de um mundo em acelerada mutação. Em 1977, seu retorno definitivo ao Brasil tornou possível o acesso aos seus textos em português. Nesse ano foi publicado o famoso *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*, editado originalmente em francês, em 1971, pela Ophrys. O mesmo acontece com o super citado *O Espaço Dividido* que chega até nós em 1979.

Milton tinha um carinho especial por Fortaleza. Convidado da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros, entidade que ele presidiu às vésperas do exílio, Milton Santos participava, pela primeira vez, de um evento de grande porte no País. Tratava-se do 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza, em 1978, que tive o prazer de secretariar. Seu retorno trouxe um grande alento para a Geografia brasileira.

Homem da mídia, Milton, em 1994, recebeu em França, o Prêmio Vautrin Lud, maior homenagem que um geógrafo pode receber – verdadeiro Nobel da Geografia. Sua notoriedade fê-lo presença freqüente nos grandes debates da imprensa. Isso permitia a difusão de suas idéias rumo ao reconhecimento de sua obra. Ao completar 70 anos em 1996, foi homenageado por amigos e ex-alunos com a realização do Seminário Internacional “O Mundo do Cidadão – Um Cidadão do

---

\* Objetivando ser fiel ao relatado, preserva-se, no texto, o caráter coloquial da entrevista.

Mundo”, ocorrido na USP. Convidado para compor o corpo de autores do livro-homenagem, organizado pela Prof<sup>a</sup> Maria Adélia de Souza, escrevi o texto “Milton Santos – Novos Horizontes para a Geografia Brasileira”, onde relato dois momentos da participação internacional de Milton quando sua competência e maestria foram referenciadas por todos os presentes, em Paris e Saint Dié des Vosges. O Seminário de São Paulo foi marcado pelo lançamento de mais uma de suas obras *A Natureza do Espaço* onde discute técnica e tempo juntos com razão e emoção. Foram muitas as homenagens, títulos honoríficos em universidades nacionais e estrangeiras, encontros, seminários. Ele fez por merecer!

### **ENTREVISTA ( Realizada em Paris no mês de janeiro de 1993)**

**José** - Prof. Milton, existe uma escola geográfica brasileira?

**Milton Santos** - Nós podemos dizer que existe, no mesmo sentido que podemos dizer que há uma escola geográfica francesa, inglesa, alemã, americana ou russa. Na realidade, o que há são muitos pensamentos geográficos cujos traços de união são, de um lado, uma vontade de explicar a sociedade através do território e, de outro lado, a cultura nacional brasileira que é muito forte. Mas a realidade é que dentro disso que a gente chamaria de escola geográfica brasileira, haveria as escolas geográficas brasileiras, uma mais próxima do marxismo que no Brasil persiste como base de reflexão, outra mais próxima dum certo niilismo conceitual, outra mais próxima do pragmatismo e, enfim, com diferentes conteúdos filosóficos e poderia haver outras clivagens, como se quisesse juntar todos os que no Rio trabalham apesar de algumas diferenças ideológicas, ou em São Paulo, ou em Fortaleza, ou em Salvador, ou em Belo Horizonte, de modo que a resposta sugere muitas questões. Por outro lado, a gente pode dizer que, admitindo a existência de uma escola geográfica brasileira, a gente traça o caminho dessa geografia brasileira ao longo do século desde o primeiro geógrafo digamos assim, importante no Brasil, que não escrevia em português, cujos trabalhos eram originalmente em francês, como o grande mestre Delgado de Carvalho, até o momento atual onde há uma produção geográfica brasileira escrita não propriamente em português, mas em brasileiro e que não apenas é utilizada no Brasil, como em outros países de língua portuguesa. Então, há um caminho da geografia brasileira que a gente pode grosseiramente dividir em três grandes momentos talvez por preguiça ou por facilidade, a gente dividirá em três momentos que seriam a infância, a sua juventude e a sua maturidade. É um fato de que o Brasil alcança recentemente, mas creio que, fortemente, uma maturidade no pensamento geográfico e na prática de geografia, não só no pensamento, mas na prática que se pode dizer que há uma escola geográfica brasileira.

**José** - Professor, como o senhor percebe a presença do pensamento francês na Geografia brasileira?

**Milton Santos** - Isso me faz voltar a essa periodização, quer dizer que há uma infância, uma juventude e uma maturidade e essa periodização, no meu modo de ver, não se aplica apenas à convivência com os colegas franceses, mas com os colegas do resto do mundo, quer dizer, inclui tanto os europeus e mais tarde os norte-americanos, como os outros, japoneses, africanos, outros asiáticos, os latino-americanos. A infância da geografia brasileira a gente pode dividir em pelo menos dois grandes momentos. A infância se caracterizaria pela citação quase que pura e simples do ensinamento do outro, quer dizer que haveria duas fases: uma em que o geógrafo vem aqui, vem à França, vai à França, e Delgado de Carvalho é um dos expoentes e o outro subperíodo - a outra parte desse período, os franceses vêm ao Brasil seja através de suas obras, seja pessoalmente. E essa segunda fase ela é, digamos, personalizada sobretudo por Pierre Monbeig que é a pessoa que demora mais tempo no Brasil e que, se instalando numa

Universidade brasileira vigorosa, dinâmica, vai ter a possibilidade de formar escola ainda que não seja o único porque nós vamos ter o professor Francis Ruelan que se instala no Rio de Janeiro, vamos ter a passagem ainda que rápida de Deffontaines e então essa é uma fase da infância onde a geografia não estando estabelecida, tudo é aprender ou quase tudo é aprender. Então, trata-se de uma influência extremamente vigorosa quase sem replica ou quase sem debate, quase sem contradita. A sorte é que as pessoas que foram para o Brasil nessa fase são pessoas de grande valor, pessoas abertas, como o Prof. Monbeig que então se permite um florescimento grande da geografia brasileira, mas na realidade da geografia paulista e fluminense porque a influência desses professores é limitada, não só porque a circulação no Brasil era limitada, era um país onde os transportes ainda não estavam desenvolvidos, nas fases primeiras da influência de Monbeig e de Francis Ruelan, como também não havia centros de recepção, porque as universidades outras, vão se criar mais tarde. Então não havia como repercutir a presença desses cientistas, desses cidadãos, desses colegas, em outros pontos. Tanto que essa infância da geografia brasileira é estritamente localizada praticamente nesses dois pontos. O aspecto dessa fase era que havia um quase monopólio também da influência francesa; então, tudo passava de um lado um monopólio bilateral porque as relações passavam de um lado por alguns franceses e, do outro lado, por alguns brasileiros. Eu creio que a história da relação do Brasil com a França em geografia, é a história da abertura de um leque até a enorme dispersão atual, uma forma de pulverização que pode ser analisada por diversos ângulos e, esse primeiro momento, é um momento de concentração da influência geográfica, concentração em algumas figuras pelas quais passava, filtrava a relação. Havia, de um lado alguns professores franceses que filtravam o chamado pensamento geográfico francês e alguns professores brasileiros que recebiam esse pensamento e que, de alguma forma, eram também depositários da possibilidade dos brasileiros ter contato com a geografia francesa lá no Brasil ou aqui na França. Bem, não vou elaborar sobre esse aspecto, diria apenas que no ano de 1956(1), ele é marcante também porque ele abre, e ele força uma abertura. É uma chegada maciça, numerosa de colegas franceses e, ao mesmo tempo ainda havia agressividade do governo francês no plano cultural, quer dizer, a França desejava ter uma influência importante no plano cultural, estimulava as relações bilaterais com o Brasil e apreciava o esforço intelectual dos brasileiros que desejavam se tornar geógrafos. Em suma, como você sabe, vai se reduzir esse interesse e cada vez mais vai se tornando ligado à questão técnica e à assistência técnica passa a ter mais importância, mais do que a cultural e acho que nem mais se fala nisso - em assistência cultural.

**José** - Está caindo...

**Milton Santos** - É, assistência técnica e mais adiante nós vamos ver que é o comércio que vai ser o principal inspirador das relações ditas culturais. Então, nesse momento, que se você quer uma data, é 1956.

**José** - Com o desembarque da equipe francesa chefiada por Maximilien Sorre.

**Milton Santos** - É, aí tem um problema que me parece muito importante é que os monopólios se completam. Por exemplo, 56 é um ano importante para a geografia internacional, porque marca, eu não sei como dizer em português, o *basculement*(2) da geografia mundial, da Europa para os Estados Unidos, é o momento em que a influência dentro da UGI, a influência americana aumenta e um dos artífices desse movimento foi exatamente o prof. Hilgard Sternberg que, logo depois, vai ser nomeado professor nos Estados Unidos. Sternberg organiza um Congresso de Geografia do Rio, com alguns colegas brasileiros, com o apoio do CNG(3) e paralelamente, ele organiza um Curso de Altos Estudos Geográficos e que foi um acontecimento.

E na organização desse curso ele exerceu uma espécie de “caça às bruxas ideológico”, ele vetou de maneira nítida - a participação de professores de pensamento progressista e aqui nós fazemos exceção do Prof. Monbeig, evidentemente. Eu nem sei se Monbeig estava dando esse Curso, creio que não. Então, os convidados dele eram diversas pessoas importantes, mas o Prof. Tricart, por exemplo, não foi convidado dele, mas foi convidado da UERJ pela mão do Prof. Miguel Alves de Lima, que então era progressista, e convida o Prof. Tricart para dar um curso solitário, lá no antigo “Lafayette”(4).

Dessa preocupação ideológica do Prof. Stemberg, eu tenho outro exemplo, porque tendo convidado o Prof. Tricart para vir à Bahia, fui informado por meus amigos do IBGE que o Prof. Stemberg havia obtido uma circular das autoridades brasileiras pedindo para que o Prof. Tricart não fosse acolhido em lugar nenhum; mas essa circular não foi obedecida pelos funcionários federais da Bahia com quem tínhamos relações de amizade muito estreitas, que fizeram ciência da circular, dizendo que não iam obedecer. Então, esse momento, por várias razões, ele revela quebra nesse monopólio bilateral - de um lado chegam muitos franceses e muitas vozes são ouvidas - de outro lado deixa de haver um monopólio da interlocução

**José** - Também estavam os americanos...

**Milton Santos** - Não só os americanos, mas Stemberg deixa de ser o interlocutor único dos franceses. Então, de um lado esse curso de Tricart é aberto a muita gente, contra a vontade da potência “convidante” e Tricart vai ter uma influência marcante na Bahia. Essas pessoas tinham influência porque tinham uma mensagem intelectual e, nesse momento- anos 50 - pela presença não física de homens como P. George, depois pela presença física de homens como Pierre George, Tricart, Dresh, Kayser, Rochefort. Kayser depois... Rochefort veio em 56... e é enormemente influente. Então há uma dispersão da influência...

**José** – Que o senhor chama de quebra dos monopólios...

**Milton Santos** - Que passa, que não é dos estudiosos do Brasil, mas que é dos estudiosos da geografia que tinham uma mensagem metodológica - ainda que essa palavra método, essa palavra teoria não fossem de uso corrente, havia uma proposta genérica à geografia, a ser eventualmente aplicada num país determinado que, no caso, é o Brasil, mas eram as idéias de um George, as idéias de um Dresh, de um Rochefort com sua forma de trabalhar o terciário, as idéias de Jacqueline Beaujeu-Garnier nos seus livros...

**José** - Mas professor, uma pequena dúvida: eles não eram progressistas, e como que eles tiveram voz nesse Encontro?

**Milton Santos** - Quem eram progressistas?

**José** - P. George...

**Milton Santos** - Mas aí mostra a quebra!

**José** - Ah, sim... mas eles foram convidados oficiais ou tiveram dificuldades também, pelo Stemberg?

**Milton Santos** - Não, o Stemberg não chamou nenhum deles, de modo nenhum! Mas como não se falava em teoria... não se falava em biologia... não se falava em metodologia... não eram as “gias” porque são palavras que a Geografia tardou em adotar de um modo geral. Desde que não se falava, você podia ter casos como o casal Bernardes(5)- esse grande casal de geógrafos - que difundiu no Brasil, ironicamente, as idéias de P.George, que eles nunca haveriam feito se aparecesse vinculado a uma ideologia. Não iam ser carbono de idéias ditas comunistas etc, ou marxistas. Então, era um momento muito importante porque ele marca uma curiosidade muito grande em geografia e, nesse momento, fica bem clara essa enorme vontade dos geógrafos brasileiros de se abrir, essa curiosidade aberta a todos os ventos, a todas as direções, esse não-preconceito acadêmico que, me parece, marcou a geografia brasileira até recentemente. Então, esse momento, é o da juventude. Não é mais a infância, não é ser guiada de forma absoluta, irretorquível, sem discussão, mas um momento em que de um lado há um debate interno baseado em muita leitura; recorro das reuniões da AGB(6), onde as pessoas se engalfinhavam, se perguntavam quem leu, quem não leu e foi extremamente positivo e havia uma discussão com os portadores da palavra. Em 1958, creio, eu publiquei um texto discutindo a teoria de Rochefort - um texto que você talvez conheça, pouca gente conhece: - “A cidade como centro e região” e que lá eu trago as idéias francesas, mas também as idéias americanas, as idéias alemãs estão ali nesse texto, e dou depois, fazendo uma recensão do que faziam os ingleses, Dickison, que faziam os americanos da Escola de Madison, o Chapeau, o Christaller etc, que é a primeira parte, a segunda parte é Rochefort e a terceira parte é a aplicação do método de Rochefort ao Brasil, e a crítica que Rochefort recebeu muito bem, ao contrário, ele achou muito bom que um colega brasileiro obscuro, porque ninguém me conhecia então, viesse discutir com ele em público, quer dizer, não era um *bicho-de-sete-cabeças*, era uma coisa normal. Depois deixou de ser. Então esse momento acho é extremamente importante...

**José** - Professor isso foi em 1958?

**Milton Santos** - Eu não sei quando foi, se em 60 em 58.

**José** - O senhor vem para a França em...

**Milton Santos** - Eu termino o Doutorado em 58 e volto ao Brasil, começo a escrever, a publicar... Então, e é a juventude da Geografia brasileira, quer dizer é um momento de inquietude, de busca...Essa fase é importante, eu creio, e ela vai dar muitos frutos porque a Universidade não tinha o peso que tem hoje no comportamento das pessoas; então, não havia essa idéia de carreira, não passava na cabeça das pessoas talvez no IBGE, sim, eles sempre foram preocupados com isso - e muitas das brigas internas no IBGE estão ligadas à carreira... mas no resto da Universidade no Brasil não era tão complicado ascender e a carreira não era o objetivo em si, era a busca mais do conhecimento, e isso creio, que essa “soltura” das pessoas facilitou a eclosão das espontaneidades e, mais recentemente, é difícil ser espontâneo porque tem que pagar “papers” para a CAPES, tem que pagar “papers” para o CNPq, tem que pagar “papers” para a Pró-Reitoria de Pesquisa... tem que pagar “papers” para o Departamento, então é uma atividade extremamente bitolada, dentro de preocupações quantitativas, matemáticas e produtivistas que, nesse momento, não havia. Então o debate era mais franco, mais solto e a busca no debate era o debate, o conhecimento e não o título, não a nota, não o papel, não o documento, enfim, toda essa parafernália burocrática que está nos sufocando hoje. Então, acho

que esse momento da juventude quando, digamos que as leituras de textos de sínteses ou de generalidades, de generalização eram tão importantes quanto as leituras de textos empíricos e trabalhava quem queria porque para você ser lente, professor, não havia carreira como tal é organizada hoje. Eu vim fazer meu doutorado aqui na França, porque quis, não tinha necessidade de nada para ser professor. Não havia necessidade não, vim porque decidi vir...É uma outra história que não vou contar agora porque.... não era essa coisa de você sair atrás do título como hoje os jovens são obrigados... que perturba muito a produção intelectual. Essa parte – juventude – ela se caracteriza creio, por uma absorção crítica do que vem de fora, não é uma absorção passiva, é um comportamento ativo da geografia brasileira em relação com os “aportes” ou uma escolha, porque você não tem apenas um, dois ou três cidadãos que influenciam e não tem apenas um ou dois ou três filtros, você tem um painel, um leque, então você tem uma escolha e, por conseguinte, opções, preferências, caminhos diferentes. E há uma gestação, começa aí a gestação da geografia brasileira, do que você chamou na primeira pergunta de escola geográfica brasileira que vai ser fundada em grande parte nas realidades nacionais e locais, quer dizer que os trabalhos de um grupo como o da Bahia, por exemplo, muito baseados na realidade baiana, na problemática baiana. Os trabalhos do grupo do Recife, extremamente ancorados na realidade pernambucana que permitiu a esses homens serem pioneiros, do que eu chamo essa “ecologia”. As pessoas esquecem os trabalhos sobre os rios do açúcar de Gilberto Osório, do Mário Lacerda e de Manuel Correia, mais jovem, com as moças que andavam em torno deles, não é isso? Então há no Rio de Janeiro os trabalhos de P. Geiger, de Mirian. Mesquita, a grandíssima Lysia Bernardes, o Nilo também, entendeu, então você tinha, não é isso, até mesmo o Valverde, não é, então você tinha outros mais jovens, então como o Alfredo Domingues... e quem mais? Eu tenho medo de não citar o nome deles todos... E, ao mesmo tempo, preocupações gerais, o artigo fundamental de Nilo Bernardes sobre a agricultura brasileira, que é uma coisa extraordinária, o artigo, o livro extraordinário do Geiger sobre a urbanização brasileira, a proposta, as propostas, porque não foi uma só, do Fábio Macedo Soares sobre a regionalização. Então você vê que há uma teoria brasileira da geografia, quer dizer, uma produção de uma teoria nacional geográfica, quer dizer, um entendimento do território brasileiro, a partir de uma visão brasileira, quer dizer, não havia o refinamento, o pedantismo nosso atual de estar buscando ser teórico que é um lado pedantismo, outro lado refinamento, resultado também da nossa distância do empirismo que esses colegas tinham dificuldade de ter mas havia essa produção teórica brasileira, porque o livro de Geiger é teoria da urbanização brasileira, o livro de Nilo é teoria do agrário brasileiro, e a do Fábio também. O Orlando Valverde que andava com esses três, ele sempre foi um homem muito preocupado, seriamente preocupado com o empírico, com seus cadernos de notas de excursão e, nesse sentido, ele também produziu coisas interessantes e produz ainda com essa enorme base, no que ele vê diretamente na paisagem. Então, são os nomes assim que me lembro mais, mais ativos então que discutiam, se chocavam, se encontravam, se distanciavam com base na pesquisa e nas brigas também pelas chefias do CNG e na AGB, mas, enfim, a base era geografia sempre. Isso me parece que uma primeira... é uma forma de nos encaminhar. Ah! eu não falei na Lysia. Já falei, mas não falei da Lysia junto com a Teresinha Segadas que produziu coisas lindíssimas, das áreas, quer dizer uma geografia que tinha uma extrema vinculação com a região. Como a paulista. A Tese de Ary França, a tese de Renato Silveira Mendes, os trabalhos de Dona Nice Lecoq Müller, as teses de Araújo, enfim, as coisas do Aroldo de Azevedo, tudo isso são preocupações muito, muito marcantes desse período, eu acho, dessa juventude. Os paulistas que foram os primeiros a se isolar – quer dizer, havia uma espécie de isolamento dos paulistas, quer dizer em que havia de um lado a fidelidade extrema ao professor Monbeig que, creio eu, essa fidelidade foi rompida aqui e ali com presenças como do professor Papy e teve como resultado um retraimento em relação de nomes e como sempre foi um departamento muito poderoso, não chegou a se

tornar auto-satisfeito, mas quase. Então isso criou uma presença maciça dentro da AGB, a chegada dos paulistas com artigos, comunicações, com posições fortes, que era uma escola, digamos assim. O isolamento permitiu a produção da escola paulista, enquanto que a abertura do Rio contra balançava pelo número porque o IBGE era um grande centro com numerosos especialistas. O Prof. Juillard, quando chega na primeira vez ao Brasil e é levado ao IBGE, naqueles andares, cheios de geógrafos, ele diz mas isso aqui é uma usina de geografia, *c'est une usine de géographie*, porque isso não havia em nenhum lugar, exceto na União Soviética, talvez, aquelas pessoas todas reunidas fazendo geografia. Então isso é a juventude da geografia brasileira, claro, que, de alguma maneira, já deixa entrever a chegada da maturidade porque já havia preocupações teóricas e as pessoas não estavam querendo se dizer que eram positivistas, neopositivistas, marxistas, não tinha rótulo, ninguém sabia quem era Wittgenstein ou Lefebvre ou mesmo Einstein. Recentemente é que todos somos einstenianos, baudrillarianos, baudelairianos etc, que é a nossa grande maioria atual. Mas naquele tempo as pessoas produziam, produziam bem, sem muito se perguntar. Bom, haverá alguém que diga que essa é uma forma de alienação, não saber pronto, por que está indo para ali ou acolá...enfim, a gente pode dizer que o que guiava era o país e a região. E aí chega a maturidade. Bom, nessa fase, então você tem essa influência múltipla de geógrafos de diversas partes do mundo e ainda, sobretudo dos franceses, porque a sedução da cultura francesa, a posse da língua francesa pelas gerações de então, o interesse do governo francês em “empurrar” a cultura francesa, então, tudo isso e a força da geografia francesa, sobretudo isso - porque os franceses, aos estrangeiros, nunca se apresentavam divididos, daí aparecer como escola, apesar das divergências que são normais...Bom, aí nessa fase haveria que ver também quem veio, quantos bolsistas havia aqui (França) que era bem mais do que na fase da infância, mas muito menos do que na fase da maturidade. Quer dizer, você tem uma ampliação quantitativa da presença brasileira na França e da presença francesa no Brasil. Você tem uma agressividade das universidades de província, a começar por Strasbourg onde estava Tricart, onde passaram Rochefort, Galais, Dolfuss, onde estava Julliard, onde estava Souter, então um forte conteúdo de especialistas do mundo chamado tropical. Toulouse se levanta, Bordeaux busca manter sua velha vocação colonial e tropicalista e depois se associam a essas universidades Clermont-Ferrand, com Derruau, por exemplo. Então você tem uma abertura do leque de influências digamos, pessoais, e muito mais geógrafos vêm para cá (França) e, no Brasil, você tem também uma expansão da vida universitária e, mais tarde, a institucionalização da formação, antes de institucionalização da carreira, quer dizer que você tem formas que se institucionalizam de entrar na disciplina na Universidade, muito antes de que carreira fosse institucionalizada. Então tudo isso vai ajudar uma dispersão que vai se refletir na produção e, aí, a semente que vinha da fase da juventude vai ter manifestação unitária, primeiro através da geografia quantitativa - que é uma forma unitária e depois através das geografias marxistas que também aparecem como uma forma unitária, pois ambas são totalizantes, com tendência a serem totalitárias, exigindo, às vezes, debate, às vezes submissão mas que vão ter um papel muito grande na recriação da geografia brasileira que passa a se perguntar como disciplina. É possível que essas perguntas que a geografia brasileira se faz estejam ligadas à afirmação das outras disciplinas sociais e à hierarquização social das disciplinas, quer dizer, o planejamento, como começou a ser feito, com o crescimento econômico, deve ter tido um papel também nisso porque quando as disciplinas passam a entrar no mercado então se tornam um valor de troca porque elas têm que se rever para impor um preço, para serem mais ou menos apreciadas. Então, eu creio que talvez é isso que leva a esse debate teórico dentro da geografia. O que tem isso que ver com a geografia francesa? Aí você tem uma busca daqueles que tinham o que oferecer no plano do conceito. Então, os conceitos passam a ser centrais e os produtores de conceitos passam a ser solicitados. E aí você tem prolongamento. É nesse sentido que um Rochefort, um Kayser, um Guglielmo, todos na esteira do mestre

George, são um traço-de-união entre os dois momentos. Eles aparecem como produtores de conceitos. Uma região estudada em si não é o estudo de uma região, mas é a região. O crescimento aí dos geógrafos, vem de Perroux, vem o Vaudeville que faz o vínculo entre a geografia, então. Só que uma outra linha vai também aparecer, é que a partir dos anos 60, sobretudo anos 70, quando todos os grandes países passam a se preocupar com a assistência técnica e o comércio internacional passa a ter um papel muito grande na cooperação intelectual e aí é o momento também da expansão dos brasilianistas em todos os países, quer dizer que você tem ao mesmo tempo que o Brasil não podia ser estudado por brasileiros porque o regime não gostava de cientistas sociais brasileiros, preferia mandá-los para o estrangeiro, havia uma certa permissão aos cientistas sociais estrangeiros para virem para o Brasil. Então esse momento, que é o imediatamente anterior a este estabelecimento de maturidade, é também o de uma dupla demanda de geógrafos franceses. Uma que vem dos geógrafos brasileiros que é a demanda dos que pensam os conceitos, e outra que vem da própria França, que é o envio dos brasilianistas e alguns vão ter influência determinante na produção da maturidade. A maturidade é a geografia brasileira que produz os próprios compêndios teóricos, metodológicos, que discute a geografia, que se discute ela própria, que passa a ler em português que é um fenômeno muito importante, porque a geografia entra no mercado editorial e que se preocupa, produz idéias e que vai dar como resultado nas relações internacionais uma série de fenômenos que ainda estão por ser analisados. Eu fui um pouco longo nisso, você não acha?

**José** – Eu acho que foi muito bom. Gostei. Prof. Milton, seria possível falar do papel exercido pela França, ao traçar seu itinerário intelectual? Ele está um pouco contido na pergunta anterior mas eu acho que dá para sistematizar a sua vinda, a sua presença depois, meio forçada, os seus caminhos, descaminhos na França que eu já tive oportunidade de ler em algumas entrevistas...

**Milton Santos** - Bom, eu não fiz escola primária, como você sabe, porque meus pais eram professores primários e eu apenas fiz exame aos oito anos (do 4º ano naquele tempo), e como eu não pude entrar no ginásio, meus pais me ensinavam em casa e então, eu tive que estudar álgebra, francês e boas maneiras...mas só ficou mesmo o francês.

**José** – Discordo...Álgebra, eu não sei... (risos)

**Milton Santos** - Então, eu fui preparado para ler em francês com 8 anos. E no ginásio, no meu segundo ou terceiro ano, eu tive contato com um livro formidável de geografia chamado *Geografia Humana* de Josué de Castro. Aquilo que agora a gente ensina aos nossos alunos de pós-graduação, estava ali, eu li no segundo ano de ginásio: possibilismo, determinismo... nesse livrinho de Josué. Esse livro marcou.

**José** – Ele seria seu companheiro depois...

**Milton Santos** – Ah, sim! Este livro me marcou, definitivamente. Eu tinha onze ou doze anos. A geografia era matéria obrigatória no vestibular de Direito. No vestibular de Direito, a geografia, a Geografia Humana, e quando eu entrei na Faculdade de Direito, para me vestir, eu decidi abandonar as aulas de matemática que eu dava desde 15 anos, para ensinar Geografia. Aí, comecei a ler os franceses e na Bahia eu fazia vir toda a literatura francesa. Eu comprava um livro, via a indicação bibliográfica, mandava vir o outro, aqueles que passavam pela barreira paulista porque as encomendas eram feitas através da Livraria Francesa, mas, frequentemente, as minhas encomendas eram interceptadas pelos meus colegas paulistas. Então, passada essa barreira, os livros chegavam e eu os lia. Então esse contato com a geografia francesa foi aviva-

do pela minha amizade com Tricart que eu convidei em 56, na Bahia, com quem comecei a trabalhar, com o Rochefort, depois da minha presença aqui (França) e pelas minhas vindas - porque eu vinha com frequência para estudar, para ler, me reciclar - não tinha ainda pós-doutorado, mas eu vinha assim mesmo. E em 1964 quando eu estava preso eu tive ainda a enorme alegria de saber que os meus colegas franceses haviam se reunido e decidido me trazer para cá, deixando eu escolher onde eu queria ir, se Strasbourg, Toulouse... e eles próprios decidiram o que era melhor, entre as universidades que me queriam receber, que eu fosse para Toulouse, para onde fui. Data desse momento um interesse maior meu por temas mais gerais. Por exemplo, o primeiro curso que eu dei para agregação era sobre População e Alimentação; não sei se você conhece esse texto...

**José** - Conheço, eu sempre acompanhei sua trajetória.

**Milton Santos** - Ele não foi publicado no Brasil.

**José** - Mas saiu o título no Intergéo.

**Milton Santos** - Então isso me levou a uma discussão do Terceiro Mundo como um todo e possivelmente, a partir daí, a minha relação com a geografia francesa muda, porque eu não deixei de ficar impregnado por ela mas o fato de ter sido levado por Kayser, que é o grande responsável por isso, que me fez esse desafio - dar esse Curso de Agregação sobre um tema tão vasto, e então, isso me obrigou a uma reflexão geral sobre o mundo, sobre o fenômeno geográfico no mundo, quer dizer, a partir daí, essa idéia de mundo passou a ser para mim a base da produção intelectual, não o Terceiro Mundo mas o mundo. Então isso me obrigou a refazer a minha “conceituologia”, e aí eu entro em conflito com os conceitos que eu aprendera, que eram os conceitos mais fundamentais da geografia francesa. A geografia francesa teve para mim um papel, digamos assim, da minha produção, ensinando-me os conceitos e me permitindo propor outros a partir de minha presença aqui. A presença ativa numa outra cultura sempre produz um refinamento conceitual, quando ela é ativa. Porque primeiro você tem o fato de que a produção do real é filtrada pelos dados locais e você, herdeiro de uma outra realidade, tem que conviver com a realidade em que você se instalou e aí começa a discutir o conceito. O segundo é a língua. Como é que você exprime uma idéia numa outra língua, que não é a sua. Aí você descobre às vezes, que você não tem ainda a idéia e que a idéia ainda está para ser formulada, porque a idéia só é completamente formulada, quando encontra forma. Isso eu experimentei mais fortemente indo para os Estados Unidos porque não era o português que era a minha língua, não era o francês que eu dominava, era uma língua outra que eu não aprendera e na qual eu tinha que trabalhar para viver. Então a minha fase anglo-saxã, como chama Lacoste, é aquela em que, digamos, o refinamento do conceito vai ser mais forte por isso, mas na realidade eu tinha já a base francesa, primeiro porque a França me abriu as portas e eu pude fazer uma carreira rápida aqui, quer dizer, passei por todos os postos da universidade francesa, cheguei ao mais alto porque eu era *maître de conférences* em Toulouse e quando eu vim para Paris eu fui nomeado professor. Então, em Bordeaux eu sou *maître de conférence*, eu fiz todos os degraus, eu ganhava o máximo que se podia ganhar aqui naquele momento. Mas aqui eu lia os autores ingleses. Eu não lia só os franceses, lia os ingleses e diferenciava, discutia com meus colegas mais próximos, enfim, acho que a França teve um papel muito importante porque me permitiu passar aqui sete anos, sete anos nos quais eu não tinha obrigações administrativas, então era pura leitura, pura escritura, sem outra coisa, sem outra obrigação. Então isso foi para mim uma coisa extremamente importante que eu não saberia apreciar devidamente e... que mais?

**José** - Prof. Milton, a França deve ser passagem obrigatória para o aprimoramento do geógrafo brasileiro?

**Milton Santos** - Para aqueles que quiserem. Eu creio que o contato com a outra cultura é sempre muito fértil e a cultura francesa é muito instigadora. Então, nesse sentido, é bom passar pela França. É bom também ir a outros países. Eu creio que, se por esta ou aquela razão puder sair, eu acho fundamental. Mas obrigatório, não, porque vejamos o caso do Brasil, de São Paulo. Há geógrafos que nunca saíram do País e que são geógrafos muito importantes. O Manuel Seabra, por exemplo, é uma pessoa que tem um conhecimento mais do que adequado da história da geografia no plano internacional; é uma pessoa que tem produzido trabalhos de valor, que é extremamente competente na direção, na orientação de tese... e não é obrigatório sair, e muito menos obrigatório vir a um país determinado. Qualquer um serve para efeito de enriquecimento cultural, a França, os Estados Unidos, a Nigéria, a Austrália.

**José** - Os geógrafos franceses marcaram época na geografia brasileira. Nesse sentido, o senhor pensa que é fundamental a presença deles para se completar a compreensão da nossa realidade?

**Milton Santos** - Essa pergunta é uma provocação. Eu creio que não. Cada vez que eles desejem vir e por sua formação, tenham a posse de uma teoria, de uma visão de mundo coerente - não importa qual a ideologia - mas que seja uma visão de mundo coerente que funcione como uma alavanca intelectual, aí sim. A simples presença no sentido físico, ou intelectual, porque atividade do pesquisador, professor, é intelectual mas não é obrigatoriamente significativa. Não é apenas a descrição por mais bem feita que seja, por mais cuidadosa e detalhada que é importante, não é também o esboço de interpretação que é importante, mas de compreensão. A compreensão de uma realidade de um outro país, às vezes pode se dar, pode ser ajudada com muito mais força, por um estrangeiro, mas a condição para alcançar essa força é a posse de uma cultura ampla, o domínio teórico e metodológico, e, nos dias atuais, o conhecimento do que é o mundo, o conhecimento de um país para se conhecer outro é pouco. O conhecimento de um continente para conhecer o outro, é pouco. Tem que se conhecer o globo, o mundo como todo para poder conhecer. Todas as pessoas, acho que todos são bem-vindos. É uma tradição da geografia brasileira, de acolher. Então, todos são bem-vindos. Agora, contribuição mesmo, que é interessante do ponto de vista do conhecimento do País, só pode vir de quem tiver, no meu modo de ver, esse tipo de formação.

**José** - Professor, que apreciação o senhor faz hoje da Geografia brasileira?...Já foi um pouco dito na primeira questão...

**Milton Santos** - Eu creio que a Geografia brasileira está numa busca múltipla, vários caminhos, quer dizer, muitas geografias com a vocação da política, com a vocação da economia, vocação da cultura, vocação da literatura, há preocupação com gênero, com raças, com idades, então há uma enorme floração e subdivisão do campo da geografia. Ao mesmo tempo há uma outra preocupação teórica muito grande, às vezes confundida ou submersa pelo gosto do discurso. O que me parece que poderia haver mais é o debate. Eu creio que o debate é pobre, quer dizer, não é pobre, ele é menos rico do que poderia ser. Há uma certa timidez na expressão do desacordo que reduz a velocidade das conquistas eu creio, e se nós pudéssemos discutir mais entre nós sobre temas, não sobre pessoas, sobre temas e se a gente pudesse diante do trabalho do outro apontar possíveis debilidades e, sobretudo, novos caminhos, caminhos mais acertados, eu creio que a gente iria mais rapidamente para a frente. Dito isto, a gente tem que

insistir em que a geografia brasileira está numa boa fase, ela conseguiu uma afirmação que me parece definitiva, inclusive o apreço com que ela é vista pelos colegas dos outros países, que a vêem com interesse e com respeito e isso não se aplica a uma ou outra pessoa mas à geografia brasileira como um todo.

**José** - Professor Milton, prolongando um pouquinho, mas eu não posso deixar passar essa oportunidade. Na pergunta que eu lhe fiz sobre o seu percurso, a relação França, o Senhor teve um contato desde a sua infância, com o livro do Prof. Josué de Castro, o interesse pela Geografia, o encontro de 56 foi marcante, sua relação com Tricart, sua vinda aqui, na condição de estudante, depois o reverso da moeda e seu retorno na condição de professor e a construção de uma carreira na França, o retorno ao Brasil em 1977, uma fase de publicação de livros produzidos na França que foram traduzidos do francês para o português. O lançamento do *Por uma Geografia nova* e depois, sempre perseguindo os temas da atualidade e dando uma versão geográfica aos temas da atualidade e, hoje; aqui em Paris, eu o entrevisto na condição de um professor convidado para conferências, bancas de tese como a de *Doctorat d'Etat* de Jacques Levy. Nesta perspectiva, como o Senhor vê hoje sua relação com a França e com o mundo? Que papel a França assume nessa relação? Não é mais de um professor engajado numa relação cotidiana e a fase de aluno está distante...

**Milton Santos** – Eu creio que a França continua tendo uma importância muito grande na minha vida, na minha carreira, nas minhas idéias, uma relação contraditória, nem sempre pacífica dentro de mim mas que é extremamente importante porque eu me sinto bem aqui, eu me sinto praticamente em casa e é evidente que isso cria problemas. O fato de que me sinto em casa mas eu sou brasileiro então...e eu sou geógrafo brasileiro, não é? Então, é a mesma relação contraditória... é a relação que você tem com a sua própria terra que é também contraditória, a relação que eu tenho com a Bahia, que é também contraditória...

**José** - Terminamos pela Bahia?

**Milton Santos** - Acho que sim.

**José** – Professor, muito obrigado!

**Milton Santos** – A você.

---

## NOTAS

(1) Em 1956 foi realizado o Congresso da UGI – União Geográfica Internacional. Sobre esse congresso, destacando sua excepcionalidade, assim se referiu Orlando Valverde “Um episódio excepcional de relações culturais em matéria de Geografia foi a oportunidade oferecida pelo XVIII Congresso Internacional de Geografia, que se realizou no Rio de Janeiro de 3 a 18 de agosto de 1956. Pela primeira vez, a UGI, patrocinava um colóquio mundial sob os trópicos e no hemisfério sul. A delegação francesa não era a mais numerosa mas foi sem contestação uma das mais brilhantes...Maximilien Sorre, Pierre George, Jean Drech, Jean Tricart, Pierre Birot, Adré Cailleux, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Michel Rochefort, Bernard Kayser, P. Deffontaines, P. Monbeig...”

VALVERDE, Orlando, La coopération française dans la géographie brésilienne, IN: France-Brésil, Vingt ans de Coopération, Cardoso, Luiz C. e Martinière G. (orgs.) Collection Travaux et Mémoires, n.º 44, Paris/Grenoble, IHEAL/PUG, 1989, p. 83 ( nota do entrevistador).

(2) Basculement – oscilar, desequilibrar-se.

(3) CNG – Conselho Nacional de Geografia do IBGE (nota do entrevistador).

(4) Antigo Colégio Lafayette, encampado pela UERJ (nota do entrevistador).

(5) Aqui o Prof. Milton Santos refere-se a Lysia Maria Cavalcanti Bernardes e Nilo Bernardes, geógrafos de forte influência na geografia brasileira, que morreram tragicamente em acidente automobilístico (nota do entrevistador).

(6) AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros.

